

A ROUPA COMO DOCUMENTO HISTÓRICO: UMA ANÁLISE DO TRABALHO REALIZADO NA MODATECA DA UDESC

Amanda do Carmo Kruger¹
Natasha Lucas Malerba dos Santos²
Sana Teixeira Mendonça³

Resumo: Este artigo propõe ampliar a visibilidade da presença da Moda em espaços de memória. Para realizar essa proposta, descreve-se e analisa-se o trabalho desenvolvido na Modateca da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). A pesquisa investiga a constituição do acervo, examina sua interligação com o trabalho museológico e avalia a importância da roupa para a memória e o estudo da História e da Museologia. Fundamenta-se em artigos acadêmicos desenvolvidos ao longo dos últimos dez anos nas áreas de Moda, Indumentária e História, além de visitas presenciais e entrevistas com os responsáveis pela Modateca. A análise conclui que a indumentária pode ser entendida como um documento e a Modateca mostra-se um relevante local de pesquisa de acervos têxteis, pois estes não estão presentes nos museus da cidade de Florianópolis. Por fazer uso de técnicas museológicas, a Modateca pode ser considerada um espaço de memória, de patrimônio da moda catarinense, que possui acervo apto à pesquisa.

Palavras-Chave: Museu. Acervo. Moda. Modateca.

CLOTHING AS HISTORICAL DOCUMENT: AN ANALYSIS OF THE WORK DEVELOPED AT MODATECA UDESC

Abstract: *This article aims to bring visibility to the presence of fashion in spaces of memory. To carry out this proposal, the work developed at the Modateca of the Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) is described and analyzed. The research examines the composition of its collection, explores its connection to museological practices, and discusses the significance of clothing as a means of preserving memory and contributing to the study of History and Museology. To support this discussion, academic articles developed over the last ten years in the areas of Fashion, Clothing and History were reviewed, in addition to an in-person visit and interview with those responsible for the Modateca. The study concludes that clothing can be understood as a document and Modateca plays a crucial role as a research hub for textile collections, especially given the lack of such collections in the museums of Florianópolis. Through the application of museological techniques, Modateca emerges as a significant space of memory, preserving Santa Catarina's fashion heritage and housing a collection that supports academic research. By using museological techniques,*

¹ Uninter. Processos Gerenciais. E-mail: amandarobertatvd@gmail.com.

² UFSC. Graduanda em Museologia. E-mail: natashalmsantos@gmail.com.

³ UFSC. Graduada em Museologia. E-mail: sanatxm@gmail.com

the Modateca can be considered a space of memory and a heritage of Santa Catarina's fashion, with a collection suitable for research.

Keywords: *Museum. Collection. Fashion. Modateca.*

A ROUPA COMO DOCUMENTO HISTÓRICO: UMA ANÁLISE DO TRABALHO REALIZADO NA MODATECA DA UDESC

Introdução

No Brasil, o interesse de pesquisas em Moda e Indumentária em espaços de memória é crescente. No entanto, a cidade de Florianópolis não possui um museu com acervo têxtil significativo, nem presença relevante de obras de arte que possibilitem o desenvolvimento de pesquisas baseadas em análises imagéticas da história da moda. Embora a cidade abrigue uma universidade estadual com um curso de moda de destaque, em um estado com um importante polo têxtil, a ausência de um museu com acervo de vestuário se torna notável. O único espaço detentor de tal acervo é a Modateca da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), que, segundo informações do local, visa desenvolver seu trabalho por meio da perspectiva da Nova Museologia.

Neste artigo, investiga-se de que forma a Modateca da UDESC utiliza conhecimentos museológicos e realiza pesquisas; do que se constitui seu acervo; e se esta pode ser um local de relevante pesquisa histórica e museológica. A análise do acervo e do trabalho realizado na Modateca ocorreu por meio de uma visita ao local, entrevistas com estagiárias e com o então coordenador José Alfredo Beirão Filho, realizadas no ano de 2019.

História, acervos, documentos e arquivos

O fazer história é uma prática relativa a um lugar e um tempo. Para Bloch (2001), o objeto da história é o homem. Assim, a história é a ciência dos homens no tempo, em uma relação entre o passado e presente. Segundo Certeau (1982), o historiador sempre parte de seu lugar social e se volta para ele. O lugar social é portanto, o lugar inserido no tempo, um recorte temporal da realidade, um espaço de produção sociopolítico e cultural do qual o historiador faz parte e de onde observa o seu objeto de estudo. É o local de sua prática, a partir do qual escolhe seus métodos e estabelece os interesses e diretrizes de sua pesquisa. Este lugar social está ligado a privilégios, às classes e grupos sociais e aos pares e instituições que legitimam o fazer historiográfico, que não está isento de intencionalidade, pois há um ponto de partida para a pesquisa.

O processo de pesquisa requer acesso aos acervos e às fontes, que podem ser as mais diversas, como documentação escrita, relatos da história oral, objetos, em resumo, todos os vestígios do passado que fornecem informações sobre o ser humano (LE GOFF, 1992). O acervo é o embasamento do trabalho do historiador, é onde ele encontra testemunhos registrados daquilo que busca, é para onde direciona sua pergunta do presente, que o leva ao passado, permitindo que este seja revisitado. Os diferentes acervos formam os arquivos, sendo o arquivo entendido por Assmann (2011, p. 368) como “um armazenador coletivo de conhecimentos que desempenha diversas funções”. As principais são conservação, seleção e acessibilidade.

Os arquivos contêm em si seleções, pois o processo de arquivamento traz a necessidade de recortes, que carregam intencionalidade. Há uma escolha do que fica, do que será guardado e do que será descartado, e esses objetos devem ser acessíveis ao público, já que dizem respeito à memória coletiva da sociedade. Le Goff (1992) afirma que os documentos, em conjunto com os monumentos, são os materiais da memória coletiva, formas visíveis de imortalizar e materializar essa memória. Já Ricoeur (2008, p. 178) diz que “todos os tipos de rastros possuem a vocação de ser arquivados”, ampliando o entendimento de documento para além da escrita, considerando moedas, cerâmicas, ferramentas e objetos diversos. Portanto, arquivos formados por itens de vestimentas que podem contar diferentes histórias do passado, possuem justificativa de serem arquivados.

Os documentos são interpretados de acordo com seu tempo e sociedade, sendo o historiador figura de destaque nesse processo, pois ao analisar e estudar os documentos investiga suas estruturas e busca compreender como foram construídos, sob quais condições e para quais objetivos. Revisita e questiona, podendo trazer novos olhares e narrativas sobre o objeto de estudo.

A moda

Quando o homem deixa de ser nômade e adota um estilo de vida mais sedentário, o adorno do corpo faz parte da construção de sua sociabilidade. O cultivo de linho e algodão, a fabricação da seda e o curtume do couro se transformavam em indumentárias que demarcavam o *status* da pessoa no seu grupo social.

Segundo a historiadora Valerie Steele (2005), a moda é um fenômeno do mundo ocidental surgido com a ascensão da burguesia e do comércio, referindo-se a estilos que

se renovavam de tempos em tempos e circulavam entre as camadas mais altas da sociedade. De acordo com Calanca (2011), o termo “moda” é entendido como o fenômeno da mudança cíclica de costumes e hábitos. “A moda é sempre um fenômeno de costumes” (p.12) que existe quando o amor pelo novo se torna uma constante, uma exigência cultural. A etimologia da palavra moda vem do latim ‘*modus*’ (modo, maneira). No século XIX, a forma de produzir moda é alterada quando o artesanal é substituído pelas máquinas de costura e as roupas feitas em tamanhos predefinidos. Este processo provocou um barateamento da moda, permitindo que as classes baixas tivessem acesso a versões simplificadas dos trajes da elite. Nesse século também surgiu a ideia de costureiro e de alta costura.

A moda, atualmente uma das maiores indústrias do mundo, no momento está sendo cobrada pela sociedade a fazer mudanças drásticas visando tornar seu processo produtivo menos exploratório e poluente e mais sustentável. Isso reforça a ideia de que a moda reflete o período histórico em que se vive. Segundo Hollander (1996), “Todo mundo sabe que as roupas constituem um fenômeno social; mudanças no vestuário são mudanças sociais”.

Por meio do estudo e análise da moda de um determinado local e período histórico, pode-se identificar vestígios daquela sociedade, assim como a classe social de quem a trajava, os hábitos e os costumes. Stevenson (2012, p.7), afirma que a moda “reflete o tempo em constante mutação, e é influenciada por ele”. Podemos então constatar que a moda reflete uma cultura social, política e econômica (Fogg, 2013), demonstrando que o vestuário também pode ser considerado um documento histórico.

Museus, Museologia e patrimônio

O estudo e a análise das vestimentas, entendidas enquanto documentos históricos, possibilita a criação de narrativas, sendo a instituição museológica espaço para esta prática. O termo “museu” teve sua última definição aprovada em 24 de agosto de 2022 durante a Conferência Geral do ICOM⁴, em Praga. Esta nova definição considera que:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e

⁴ Conselho Internacional de Museus (ICOM).

inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos.⁵

Podemos entender o museu de forma ainda mais ampla, como um lugar de memória (Nora, 1984 - 1987; Pinna, 2003, apud Desvallées; Mairesse, 2014, p. 65), ou um fenômeno que engloba as instituições, lugares, territórios, experiências ou até mesmo espaços imateriais. (Scheiner, 2007 apud Desvallées; Mairesse, 2014, p. 65).

A Museologia enquanto disciplina científica estuda as relações do ser humano com os objetos e sua representação na sociedade. A musealização também pode, por meio da preservação, propor uma afirmação de identidade e visibilidade de determinada memória. Como afirma Waldisa Guarnieri (1990, p.10), “a preservação proporciona a construção de uma memória que permite o reconhecimento de características próprias, ou seja, a identificação. E a identidade cultural é algo extremamente ligado à autodefinição, à soberania, ao fortalecimento de uma consciência histórica”.

Na mesa-redonda de Santiago do Chile, em 1972, o conceito de Nova Museologia emergiu com o objetivo de mostrar como os museus podem ter um papel transformador no desenvolvimento da sociedade. Esse conceito se baseia em ações comunitárias e práticas participativas, em uma tentativa de aproximar as comunidades e os museus. Estes devem estar mais integrados à vida das pessoas, tendo um papel importante no desenvolvimento, na educação e na valorização e preservação dos patrimônios pertencentes às comunidades.

No direito romano, a noção de patrimônio estava ligada ao conjunto de bens que eram adquiridos como resultado de transitoriedade de pai para filho, a ideia de herança. Com a Revolução Francesa ocorreu a valorização da preservação dos bens, ligada à noção da possibilidade de perda ou desaparecimento de bens tidos como importantes, com o termo patrimônio referindo-se em especial aos conjuntos de bens imóveis e monumentos. A partir da década de 1950, a noção de patrimônio foi ampliada, integrando os testemunhos materiais e imateriais resultantes da relação entre o ser humano e seu meio, e, em 2003, a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial aprovou a inclusão do testemunho como um princípio do patrimônio cultural imaterial, compreendendo: práticas, expressões, modos de fazer e, conhecimentos diversos de

⁵ Nova Definição de Museu. Disponível em: https://www.icom.org.br/?page_id=2776. Acesso em 17 agosto 2024.

grupos que, transmitidas de geração em geração, conferem sentimento de identidade e continuidade .(Desvallées; Mairesse, 2014).

O patrimônio precisa ser comunicado e passado adiante, seja para aprendizado da narrativa apresentada, seja para conscientização desta. Em meio a tantas maneiras de comunicar algo ao público, a exposição museológica se apresenta como uma forma visual de comunicar o patrimônio. Pesquisar, organizar o conhecimento e apresentar este patrimônio em uma exposição museológica permite a construção de uma narrativa acerca da história relacionada ao patrimônio em questão. Para o Conselho Internacional de Museus (ICOM), o patrimônio de um museu deve ser comunicado e exposto para a sociedade, sendo esta uma de suas principais funções.

Moda e indumentária em museus

Em termos de Moda e Indumentária em Museus, é ao longo do século XX que se formam museus dedicados a acervos têxteis e de indumentária, destaca-se uma das mais completas coleções do mundo presentes no departamento *Textiles and Fashion Collection*, do *Victoria and Albert Museum (V&A)*, em Londres, que possui objetos têxteis do século XVII ao XXI. O *Palais Galliera* e o *Musée de la Mode et du Textile*, na França; o *Kyoto Costume*, no Japão; o *The Costume Institute*, do *Metropolitan Museum of Art*, de Nova York; o *Museo del Traje*, em Madri; e o *Museo de la Moda*, no Chile (Norogrande, 2012), são também instituições de destaque.

No Brasil, acervos de indumentária são encontrados no Museu Casa da Hera, que foi residência de Eufrásia Teixeira Leite, existindo nove peças assinadas por Charles Frederick Worth, criador da alta costura; no Museu Histórico Nacional (MHN) há objetos que vão do século XVI até o período contemporâneo. Também há acervos de indumentária no Museu Imperial de Petrópolis, no Museu Paulista (MP), no Museu Carmem Miranda, no Museu de Arte de São Paulo (MASP) (Bonadio, 2014 apud Carvalho, 2015); no Instituto Zuzu Angel, no Museu do Traje e do Têxtil da Bahia, no Museu Hering e no Museu de Hábitos e Costumes da Fundação Cultural de Blumenau.

Além disso, os sites *European Fashion Heritage Association* e *Europeana Fashion*, da fundação holandesa Europeana, digitalizam e agrupam o patrimônio de mais de 40 instituições de 13 países europeus em uma plataforma virtual que alega apresentar mais de um milhão de objetos de moda digitalizados, permitindo fácil acesso a pesquisas relacionadas aos objetos.

A baixa visibilidade do tema moda associada à perspectiva da memória, patrimônio e museus se reflete na escassez de eventos relacionados à moda e conservação têxtil no país, sendo um dos poucos o “Seminário Internacional Tecidos e sua conservação no Brasil: museus e coleções”, realizado em 2006. Dois dos maiores eventos acadêmicos de moda no Brasil, o “Colóquio de Moda” e o “Moda Documenta” inseriram sessões temáticas relacionadas à memória, aos museus e à moda em anos recentes, oferecendo acesso a pesquisas que contribuíram para a fundamentação deste artigo. Enquanto o “Moda Documenta” teve sua última edição em 2017, a Fundação Casa de Rui Barbosa realizou entre 2018 e 2023 o seminário “Moda: uma abordagem Museológica”, e o Museu Histórico Nacional realiza com alguma frequência eventos e cursos abordando moda e indumentária em museus, ambos no Rio de Janeiro.

A limitada presença de acervos têxteis em exposições de museus brasileiros pode ocorrer devido a diversas necessidades específicas, como: “um suporte, pois a roupa requer um corpo para ser percebida [...] Isso significa um investimento particular para o seu processo de exposição, além de conhecimentos específicos relacionados à natureza do material, às técnicas empregadas e à contextualização desses objetos” (Norogrande, 2012, p. 106). Outro fator relevante é o déficit de profissionais que possuem conhecimento sobre salvaguarda de têxteis adaptada ao clima do Brasil. Além disso, pesquisadores do tema enfrentam dificuldades relacionadas à variedade de palavras-chave utilizadas na identificação de acervos. Termos como Moda, Têxtil, Roupas, Vestuário, Traje, Figurino e Indumentária são frequentemente empregados, enquanto, em alguns museus, as peças de moda acabam catalogadas em termos genéricos, como “outros”. Essa falta de padronização dificulta a mensuração do tamanho real dos acervos de indumentária nos museus brasileiros (Cândido, 2014), sem considerar ainda o acervo presente em modatecas.

A Modateca da UDESC

Modatecas são instituições dedicadas à documentação e salvaguarda de objetos relacionados à moda localizadas em instituições de educação. A palavra é composta do termo francês *mode*, que tem origem no latim *modus*, e em *theca*, cuja origem grega significa depósito. São compostas por exemplares de vestuários, acessórios e outros objetos e têm como função a guarda da memória da moda, assim como auxiliar em pesquisas, acadêmicas ou não, relacionadas à indumentária (Rokicki 2013 apud Costa; Caribé, 2016, p. 562). Nesses espaços, a roupa é considerada objeto de memória, tornando-se fonte primária de pesquisa histórica por demonstrar os hábitos de uma sociedade em determinado período. Por meio de estudos, é possível investigar diversos aspectos: como o objeto foi confeccionado, revelando características industriais do período; suas origens, indicando a condição socioeconômica do portador; e seu uso, revelando a função do objeto além da análise estética que o situa dentro de uma determinada voga de um período. A investigação também pode indicar como o portador o utilizava para demonstrar publicamente sua identidade.

A Modateca da UDESC foi criada a partir de um projeto iniciado em março de 2003, no curso de Bacharelado em Moda do Centro de Artes da universidade. Nela trabalham professores e alunos que coletam, catalogam e conservam o acervo, composto por doações (de alunos, professores e da comunidade geral) e por materiais produzidos pelos próprios alunos. O espaço está localizado no prédio da Biblioteca Central da UDESC, e abriga “peças do vestuário, trajes de uso pessoal e coleções de antigas modistas, alfaiates, costureiras, plissadeiras, chapeleiras e bordadeiras. Acessórios de moda de diferentes épocas e origens e resultados de pesquisas, livros, periódicos, catálogos e fotografias”⁶. Entre os estilistas cujos trabalhos fazem parte do acervo da Modateca, destaca-se Maria Neves, cuja carreira como costureira foi bastante respeitada na região sul do Estado. Seu atelier, estabelecido na cidade de Tubarão, foi reconhecido entre as décadas de 1960 e 1980, especialmente por suas criações de trajes para casamentos, festas de gala e debutantes.

O espaço possui cerca de 2000 itens de moda, sendo o mais antigo do acervo de 1890 e o mais recente de 2010. Antes da revisão realizada no primeiro semestre de 2024, o acervo contava com aproximadamente 2.500 revistas. Esse processo de revisão foi conduzido sob a coordenação da professora Dra. Daniela Novelli e marcou uma nova

⁶ MODATECA. Disponível em: <https://www.modateca-sc.com/modateca>. Acesso em 13 junho de 2019.

fase da Modateca, com foco na implementação de uma política de aquisição e descarte, visando otimizar a gestão do acervo. Neste procedimento, foi feita uma triagem para decidir quais itens deveriam ser mantidos. Aqueles que não se encaixavam na proposta da Modateca foram direcionados à rouparia do curso de Artes Cênicas da universidade em um processo de doação para uso em figurino.

Em relação ao processo de gestão de acervos, especificamente no que diz respeito ao descarte, as decisões sobre o que permanece ou é retirado do acervo são baseadas em critérios como relevância histórica, o status da peça como símbolo de uma época e o seu valor atual, os mesmos usados na seleção dos itens que entram no acervo. Esse direcionamento levanta a reflexão de que o que é considerado importante para uma geração pode não ter a mesma relevância para outra, e como isso pode influenciar as pesquisas futuras.

As peças doadas para a Modateca são analisadas de acordo com suas características, seu estado de conservação e a quantidade de informações disponíveis (estilista, usuário, procedência, histórico etc.), levando em conta quantas peças do mesmo tipo existem no acervo, se há uma história interessante, se a peça foi usada em algum evento e a qual família pertence. Após esse processo, dependendo do resultado da análise, as peças que ficarão sob guarda da Modateca são registradas, com uma breve descrição, em um livro tomo, tornando-se patrimônio da universidade.

A história do objeto tem importância para sua catalogação, como o caso de um espartilho de 1890, a peça mais antiga do acervo (Figura 1). Fabricado com barbatanas de baleia, o espartilho é de um estilista desconhecido e foi doado em 2018 por Geluza Gabriela Tagliaro Lopes, da família Buss, que possuía comércio em Pelotas – RS. Esta peça, pertencente à avó da doadora, supostamente veio da França em uma das viagens de compras realizadas pela família. O espartilho foi estudado pelos professores e alunos e observou-se a presença de uma etiqueta de preço e a ausência de marcas de uso, o que indica um estado de conservação surpreendente.

Figura 1: Espartilho de 1890.



Fonte: elaborado pelas autoras, 2019.

O item mais raro de todo o acervo é um vestido feito à mão (Figura 2), datado de 1910. Destaca-se também um vestido desenhado pela estilista Maria Neves na década de 1960 (Figura 3).

Figura 2: Vestido feito à mão em 1910.



Fonte: acervo virtual da Modateca.

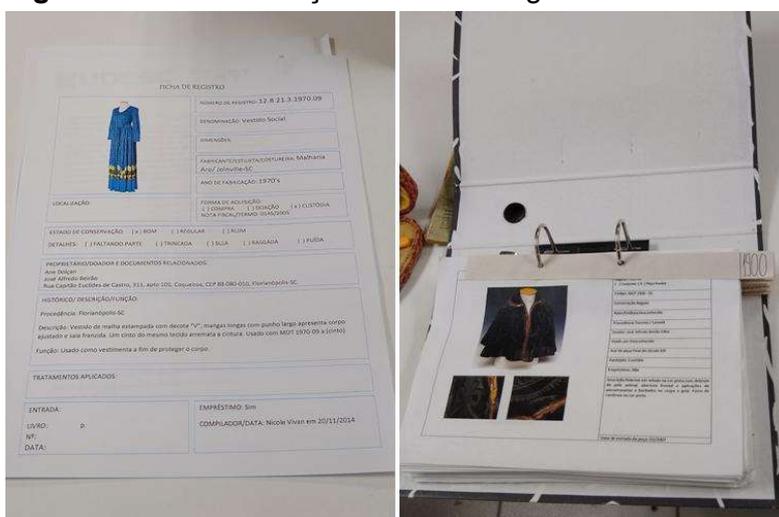
Figura 3: Vestido da década de 1960.



Fonte: elaborado pelas autoras, 2019.

O registro das peças se dá em fichas padronizadas (Figura 4), nas quais é inserido o maior número possível de informações: quem as usou, em qual ocasião, em qual ano/década, quem confeccionou, além de uma descrição da peça, informando suas características, medidas, material, cores e outros detalhes, como imperfeições (puídos, descolorações). Também são anexadas fotos das peças para melhor identificá-las. Em cada ficha, as peças recebem um código de entrada específico no acervo.

Figura 4: Ficha de doação e ficha de registro.



Fonte: elaborado pelas autoras, 2019.

Quando uma peça de origem desconhecida chega à Modateca, faz-se o estudo comparativo para obter outras informações a partir de peças similares em livros ou *sites* de história da moda. Podem ser utilizados ainda os materiais têxteis da Teciteca⁷ e estudos de modelagem, pontos, aviamentos e cortes, comparando-os com outros materiais já analisados no acervo. O resultado obtido é inserido nas informações do registro da peça.

Quanto ao armazenamento e conservação, as peças são envoltas em papel não acidificado e/ou em sacos de TNT, armazenadas em caixas de papel e organizadas em estantes com portas de vidro (Figura 6). Algumas peças ainda não passaram por esse processo de organização individual. Periodicamente, algumas peças são higienizadas e, quando necessário, submetidas a restaurações, realizadas por especialista.

Figura 6: Armazenamento do acervo em 2019.



Fonte: elaborado pelas autoras, 2019.

Localizada no terceiro andar da biblioteca universitária, a Modateca é aberta ao público em geral, mas possui horários específicos de funcionamento sendo necessário agendar visitas por *e-mail*. Boa parte dos visitantes são acadêmicos que pesquisam história da moda. A Modateca costuma realizar exposições na UDESC, no Museu da Escola Catarinense (MESCC) ou em colégios, eventos e museus, apresentando as peças em manequins, com placas informativas sobre as roupas e a sua história. Os alunos do

⁷Teciteca é um espaço que possui bandeiras têxteis (recortes de tecidos catalogados com explicações) produzidas pela indústria têxtil e por estudantes, contendo o processo criativo, a composição dos tecidos e ficha técnica completa. Disponível em: https://www.udesc.br/noticia/modateca_e_teciteca_sao_tema_de_novo_audiovisual_produzido_pela_ude_sc_ceart. Acesso em 17 janeiro 2025.

curso de Moda da UDESC visitam o local para aprendizado e desenvolvimento de trabalhos, tendo acesso a moldes de época para a criação de réplicas, o que lhes proporciona uma compreensão aprofundada sobre criação, produção e modelagem de roupas.

O objetivo futuro é mudar a Modateca de local, migrando-a do ambiente silencioso da biblioteca para uma sala maior, em um prédio mais próximo às salas de aula, para que possa ser mais utilizada pelos professores e alunos como espaço extra de aulas e, conseqüentemente, atinja mais pessoas. A comunicação com o público é feita principalmente por meio das redes sociais⁸, atualizadas por bolsistas, que também desempenham o papel de mediadores do acervo físico durante as visitas, esclarecendo dúvidas e compartilhando fatos e curiosidades. A pedido dos visitantes, peças específicas podem ser separadas e/ou montadas em manequins para uma explicação detalhada, sendo sempre manuseadas com luvas e máscaras para garantir a preservação.

Considerações finais

É possível entender a indumentária como um documento que testemunha o passado e parte da cultura material, assim como desenvolve conhecimentos sobre coleta, aquisição e guarda desses objetos.

Assim sendo, na ausência de acervos têxteis em museus na cidade de Florianópolis, a Modateca da UDESC se destaca como um importante local para realizar pesquisa sobre indumentária. Apesar de não ser um museu, faz uso de técnicas museológicas, podendo ser considerado um espaço de memória que permite acesso tanto ao público quanto aos pesquisadores aos objetos de estudo.

Embora seja mais próxima de uma reserva técnica, pois suas peças não são expostas na sala, a Modateca é uma opção para quem deseja realizar pesquisa de vestuário, sendo também um repositório importante de compartilhamento de conhecimento por meio de seu acervo, um lugar onde pode-se realizar pesquisa histórica, praticar conhecimentos básicos de museologia e conservação. Seu principal objetivo é a geração de informações, de cultura e conhecimento da história da moda. Local de patrimônio da moda catarinense, a Modateca resgata e registra peças de renomados estilistas locais, assim como fornece informações sobre a classe social de

⁸ <https://www.instagram.com/modateca.udesc>.

seus portadores. Isso possibilita comparações de classe, o entendimento de por onde circulavam e como adaptavam as tendências internacionais às roupas, considerando o clima e o estilo de vida de Santa Catarina.

Para facilitar a pesquisa e acesso do público ao acervo, uma opção à Modateca seria a utilização do *software* livre Tainacan⁹, para registro e tratamento de acervos, disponibilização de informações para pesquisa e criação de repositório digital. O desenvolvimento desta plataforma foi fomentado pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e pela Fundação Nacional das Artes (FUNARTE) para que as instituições brasileiras de museus tenham todo o seu acervo digitalizado, disponibilizado na internet e integrado entre todos os acervos de outros museus. Dessa forma, gera-se uma fonte integrada de pesquisa digital, onde qualquer pessoa tenha a possibilidade de buscar os acervos de museus disponíveis, seguindo o exemplo dos moldes do Europeana Collections e Google Arts Culture.

Outra tecnologia que está sendo desenvolvida pelo Laboratório de Design e Seleção de Materiais (LdSM), grupo de pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é a digitalização 3D. Em suas 7 linhas de pesquisa em desenvolvimento, a digitalização tridimensional com foco nas áreas de museus e patrimônios históricos se apresenta como promissora para o campo da museologia, permitindo imprimir pequenas cópias das obras, auxiliando na pesquisa e contribuindo para observar a peça em todos os ângulos. O uso de 3D para imprimir acervos museológicos que estão em condições muito delicadas para serem expostos é um vislumbre do que poderá ser o futuro dos museus em termos de educação e comunicação.

Referências

ASSMANN, Aleida. Arquivo. In: Id. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011, p.367-398.

BLOCH, Marc. A história, os homens e o tempo. In: Id. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 51-68.

CALANCA, Daniela. **História Social da Moda**. 2ª Edição - São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. **Potencialidades da musealização, desafios da informação: estudo de caso a partir de museus de indumentária e moda**. Revista

⁹ TAINACAN. Disponível em: <<https://tainacan.org/>>. Acesso em 13 junho 2019.

Expressa Extensão, v. 19, p. 55-65, 2014. Disponível em: < <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/4951/3811> >. Acesso: 16 março 2019.

CARVALHO, Priscila Rezende. **Um acervo de moda em São Paulo: A experiência da Casa Juisi.** In: MODA DOCUMENTA: Museu, Memória e Design 2015. Anais do Congresso Internacional de Memória, Design e Moda, São Paulo, 2015. São Paulo: MIMo/Estação das Letras e Cores Editora, Ano 2. n 01. v. 01. p. 130-142. Disponível em: < http://www.modadocumenta.com.br/anais/anais/5-Moda-Documenta-2015/06-Sessao-Tematica-Moda-e-Museu/Priscila-Rezende_ModaDocumenta2015_Casa-Juisi.pdf >. Acesso 16 abril 2019.

COSTA, Luciana de Sousa Santos; CARIBÉ, Rita de Cássia do Vale. **Modateca e Documentação: a vestimenta como documento.** In: MODA DOCUMENTA: Memória, Design e Moda 2016. Anais do Congresso Internacional de Memória, Design e Moda. Curitiba, 2016. São Paulo: MIMo/Estação das Letras e Cores Editora, Ano 3. n 1. v. 1. p. 553-567. Disponível em < http://www.modadocumenta.com.br/wp-content/uploads/2016/07/ANAIS-MD2016_portugues.pdf > Acesso 24 março 2019.

DE CERTEAU, Michel. A operação historiográfica. In: Id. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p.65-109.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia.** Tradução: Bruno Brulon Soares, Marília Xavier Cury. ICOM: São Paulo, 2014.

FOGG, Marnie. **Tudo sobre moda.** Tradução Débora Chaves. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. **Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação.** Rio de Janeiro: IBPC, 1990. (Cadernos de Museologia, n. 3, p. 10)

HOLLANDER, Anne. **O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno.** Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: Id. **História e Memória.** Campinas: Unicamp, 1992, p. 423-477.

LE GOFF, Jacques. Documento-Monumento. In: Id. **História e Memória.** Campinas: Unicamp, 1992, p. 535-549.

MIMO - Museu da Indumentária e da Moda. Disponível em: < <http://mimo.org.br/> >. Acesso 24 maio 2019.

MODATECA. Disponível em: < <https://www.modateca-sc.com/modateca> >. Acesso 13 junho de 2019.

NOROGRANDO, Rafaela. **Moda & museu: instituições, patrimonializações, narrativas.** Revista Dobras, São Paulo, v. 5, n. 12. p.103-112. 2012. Disponível em <<https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/120> >. Acesso 24 maio 2019.

RICOEUR, Paul. Fase documental: a Memória Arquivada. In: Id. **Memória, a História, o Esquecimento.** Campinas: Unicamp, 2007, p. 155-192.

SCHNEID, Frantieska Huszar; GASTAL, Manuela Lorenzon; NERY, Olívia Silva; DUARTE, Tereza Cristina Barbosa. **Moda, arte e museu: a indumentária inserida em um espaço memorial.** In: COLÓQUIO DE MODA. 10º Edição. 7ª Edição Internacional. 1º Congresso

Brasileiro de Iniciação Científica em Design e Moda, 2014. Porto Alegre. Disponível em: < <https://prezi.com/pca3ekokpawn/moda-arte-e-museu-a-indumentaria-in-serida-em-um-espaco-mem/> >. Acesso 24 maio 2019.

STEELE, Valerie. **Encyclopedia of clothing and fashion**. Volume 1: Academic Dress to Eyglasses. Farmington Hills: Thomson Gale, 2005.

STEVENSON, NJ. **Cronologia da Moda**: de Maria Antonieta a Alexander McQueen. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

TAINACAN. Disponível em: < <https://tainacan.org/> >. Acesso em 13 junho 2019.